

## ENSINO DE LIBRAS PARA OUVINTES: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DOS PROCESSOS LINGUÍSTICOS ENVOLVIDOS

*THE TEACHING OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS) FOR HEARING PEOPLE: A BIBLIOGRAPHICAL ANALYSIS OF THE LINGUISTIC PROCESS INVOLVE*


*Rodolpho Rocha da SILVA<sup>1</sup>  
Levy Freitas de LEMOS<sup>2</sup>  
Marcieli de Almeida FÁCIO<sup>3</sup>*

**RESUMO:** O ensino-aprendizagem para surdos tem se destacado no Brasil e a demanda por profissionais, aumentado de forma decorrente. Com o avanço da Língua Brasileira de Sinais para a inserção dos surdos na sociedade, surgiu a necessidade de atualizar e criar metodologias e técnicas de ensino para o público ouvinte que busca melhorar a sua comunicação com a comunidade surda. Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo principal abordar metodologias e processos de ensino de Libras para alunos ouvintes. Para atingir os objetivos propostos, foram utilizadas metodologias que compreenderam levantamento bibliográfico, pesquisas qualitativas e entrevistas com docentes de Libras experientes no ensino para ouvintes. Após avaliação de todo arcabouço informativo adquirido, constatou-se a necessidade de mais estudos e pesquisas direcionados em elaborar e implementar metodologias eficazes para o ensino-aprendizagem dos alunos ouvintes.


**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologia. Ouvintes. Ensino-aprendizagem.

### 1. INTRODUÇÃO

A Língua de Sinais (LS) é uma linguagem que possui suas particularidades de acordo com o local em que é exercida, e isso vai desde uma nação até um estado de um determinado país. No Brasil, a LS é conhecida como Libras (Língua Brasileira de Sinais) e, apesar de sua nomenclatura representar um país, essa sofre variações conforme os estados brasileiros.

<sup>1</sup> Agente de Combate às Endemias, na Prefeitura de Campos dos Goytacazes/RJ; Pós-Graduado Lato Sensu em Libras e Educação Especial, pela Faculdade Única de Ipatinga; Bacharel em Engenharia Ambiental (IFF); Pós-Graduado Lato Sensu em Educação Ambiental (IFF); Técnico em Meio Ambiente (IFF); Licenciado em Ciências da Natureza - Biologia (IFF). E-mail: rodolpho.rocha@outlook.com  <https://orcid.org/0000-0002-0863-0256>.

<sup>2</sup> Atua como TAE - Pedagogo do Instituto Federal do Rio de Janeiro; Graduação em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (2009), graduação em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Salgado de Oliveira (2011) e mestrado em Gestão e Estratégia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2019).. E-mail: levylemos@hotmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-7566-9273>.

<sup>3</sup> Experiência no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental; Habilidade em correção de textos e trabalhos acadêmicos; Graduada em Letras/Literatura na Universidade Federal Fluminense; Pós-Graduada em Gestão Escolar pela Faculdade Souza. E-mail: marciboa38@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-2337-2352>.

<https://doi.org/10.36311/2236-5192.2021.v22esp2.p39>

As variações podem ocorrer entre: configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação de mão e expressão facial (BRITO, 1997; NEIGRAMES; TIMBANE, 2018). Isso faz com que a LS tenha sua própria movimentação e apropriação dialética regional, da mesma forma que ocorre com a Língua Portuguesa, tida para os ouvintes como L1.

Desde 1978, através da Portaria Interministerial nº 186, foi definido um conceito para pessoa surda, que foi reestabelecido por meio do decreto nº 5.626, de 22 de dezembro, de 2005, o qual detalha a frequência de Hertz (Hz) para que o indivíduo passe a ser identificado com deficiência auditiva, e não surdez.

Apesar de conceitos e diagnósticos, a Libras atua para uma melhor interlocução, tanto entre surdo com surdo quanto surdo com ouvinte, já que a necessidade de aprendizagem não se limita ao grau inicial de dificuldade comunicativa que um indivíduo possui, seja este adquirido geneticamente ou por algum acometimento após o nascimento, conforme está elucidado no capítulo VI do decreto nº 5.626/05.

A necessidade de aprender Libras ocorre quando há pessoas dispostas a ensinar, e ensinar está diretamente ligado à demanda do interesse em conhecer a língua para se comunicar por meio dela. Para Lacerda, Caporali e Lodi (2004), é explícita a carência de profissionais de educação de Libras capacitados para o ensino de surdos ou ouvintes, o que gera uma emergência em apresentar tal LS para a população.

O educador de Libras não se limita à sua capacidade de oralidade, visto que um professor de LS pode ser ouvinte ou surdo, da mesma forma que os alunos de LS não devem estar limitados à sua própria capacidade auditiva. Ademais, é importante que a disseminação de Libras ocorra nas outras áreas de atuação profissional, que não seja apenas a educativa, pois os surdos têm as mesmas necessidades dos ouvintes, e precisam estar inseridos em uma sociedade que os compreenda de forma equânime como cidadãos (BARBOSA; LACERDA, 2019).

O ensino de Libras para ouvintes pode apresentar reflexos positivos no cotidiano do aprendiz, visto que famílias ouvintes podem ser constituídas também por surdo(s), o que gera ainda maior necessidade em aprender tal LS para se comunicar melhor e integrar o indivíduo surdo para a realidade do âmbito familiar.

Desta forma, o atual trabalho utilizou uma metodologia que consiste em levantamento bibliográfico e pesquisa qualitativa documental a respeito do tema e, em seguida, foram determinados pressupostos teóricos acerca de processos linguísticos utilizados na compreensão de Libras com L2. Em seguida, um apanhado de metodologias categorizadas, que assegurem maior eficácia no ensino de Libras para os ouvintes e, por fim, entrevista com três (03) professores de Libras que lecionam para surdos e ouvintes.

Portanto, dentro dessa temática, o presente trabalho tem como objetivo destacar a necessidade de apresentar a Língua Brasileira de Sinais aos alunos ouvintes,

utilizando e discutindo metodologias e processos de ensino eficazes, respeitando os estilos de aprendizagem existentes. A seguir será apresentado um apanhado de concepções relacionadas a metodologias para o ensino de Libras aos ouvintes e a importância da utilização delas mantendo a integridade da identidade da cultura surda.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. BREVE HISTÓRICO DA INSERÇÃO DO ENSINO DE LIBRAS NA SOCIEDADE OUVINTE**

A Língua de Sinais (LS), nesse caso a Língua Brasileira de Sinais (Libras), é uma modalidade linguística apresentada através de gestos e expressões e, dessa forma, o receptor precisa utilizar a visão para dar sequência à comunicação do transmissor, o que não acontece na linguagem falada, a qual seu receptor precisaria apenas do sentido auditivo para compreender o que está sendo passado pelo transmissor. A peculiaridade de uma LS juntamente com a falta de pessoas que a dominem faz com que os sinais sejam vistos como meros gestos sem padrões (NEIGRAMES; TIMBANE, 2018).

No decorrer do desenvolvimento de Libras, foram criados, por ouvintes fluentes na linguagem surda, materiais semelhantes a glossários sucintos, com o objetivo de passar adiante os ensinamentos dos sinais mais frequentes no dialeto da comunidade surda local (LACERDA; CAPORALI; LODI, 2004).

Antigamente não havia muitos cursos para ensinar LS aos ouvintes, muito menos, metodologias e recursos didáticos apropriados para tal prática, a qual não isenta a necessidade de melhorias na didática da LS, já que o número de indivíduos surdos inseridos nas escolas tem aumentado (SILVA, 2012).

No decorrer dos anos, a LS vem sendo debatida e modificada constantemente, em busca de uma centralidade comum, que permita que o docente consiga se basear para lecionar os conteúdos pertinentes aos seus alunos seja para surdos ou ouvintes. Porém, ainda não foram viabilizados procedimentos consensuais que atendam as classes estudantis (CRUZ; CRUZ; CAMPELO, 2018).

Segundo Gesser (2012), o bilinguismo se trata de um método de ensino utilizado para que o aluno surdo aprenda tanto a LS de sua região – que será a sua L1 (primeira língua) – quanto à língua oficial do país em que ele está inserido, a qual passará a ser sua L2 (segunda língua).

Barbosa e Lacerda (2019), afirmam que a Libras é uma LE para os ouvintes. E Almeida (1998) e Gesser (2006), concordam com esse pensamento ao dizer que a LE com “língua dos outros”, “que vem de fora”, direcionando-se especificamente à comunidade surda.

Libras, assim como qualquer outra língua, têm sua complexidade estabelecida desde a sua criação pela necessidade em haver comunicação com os surdos. Além de sua naturalidade e espontaneidade, ela se apresenta de forma particular como uma linguagem visuoespacial, justamente por ser necessário o uso do espaço ao entorno de quem faz uso dela (NEIGRAMES; TIMBANE, 2018).

## 2.2. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO LIBRAS COMO L2

Para Isidorio (2017), as pessoas, sejam surdas ou não, que começam a aprender LS na infância, conquista mais espaço no meio cultural, e isso se deve a participação enfática de um educador que atue de forma a apresentar, ao aluno surdo, que não há limitação, quando existe o interesse, por parte dos demais em aprender um dialeto para que o mesmo se torne comum em um determinado espaço social.

O supracitado acredita que o aprendizado de Libras pode ocorrer em qualquer faixa etária, desde que haja pessoas para auxiliarem no processo. E, constatou que é importante que o educando se mostre interessado em aprender o conteúdo, para que possa utilizá-lo em diferentes contextos, trocando experiências com pessoas surdas.

Segundo Lacerda, Caporali e Lodi (2004), o profissional educador de Libras necessita de aperfeiçoamento constante, como qualquer educador, para que haja aprendizagem adequada e a interação aluno-professor. Alertando que existem locais nos centros periféricos, que oferecem este tipo de ensino, com profissionais que sequer possuem o básico da formação sistemática da área.

### 2.2.1. MÉTODOS DE ENSINO DE LIBRAS COMO L2

A discussão por métodos de ensino de LS ainda é recente e os resultados são defasados. Porém, as autoras Felipe e Monteiro (2007) trazem princípios metodológicos valiosos que se encontram inseridos no ensino-aprendizado de Libras, a seguir.

**Quadro 1** - Princípios norteadores para os professores de Libras.

Comportamento ideal	Aplicação
Despertar a segurança dos alunos.	Dar liberdade aos momentos de comunicação que ele venha exercer.
Realizar atividades individuais.	Solicitar, primeiramente, os alunos mais desinibidos ou mais cientes do assunto.
Estimular a produção dos alunos.	Incentivar o uso de Libras até mesmo fora da sala de aula.
Sempre realizar atividades que estimulem a visão.	Direcionar os alunos, com atividades lúdicas, para que se atentem às características de coisas antes não notadas.
Nunca utilizar a LM junto da L2.	Separar os momentos de cada língua, para que não prejudique no aprendizado.

Não permitir o desvio da atenção visual.	Não incentivar anotações durante as aulas.
Estimular o aluno a desenvolver suas próprias falas.	Não deixa-lo refém das memorizações e repetições.
Incentivar os alunos a participarem de atividades realizadas nas comunidades surdas.	Promover encontros entre os alunos e as comunidades surdas.

Fonte: Adaptado de Felipe e Monteiro (2007).

Neste viés, cabe ao educador atentar-se aos comportamentos de seus alunos para que os impulse a conquistar novos horizontes de forma autônoma. Não obstante, cada indivíduo tem responsabilidade sobre suas conquistas, pois é a partir de suas ações, que resultados serão obtidos e, por isso, tomando como base Felipe e Monteiro (2007), segue alguns princípios norteadores para os alunos de Libras:

**Quadro 2** - Princípios norteadores para os alunos ouvintes de Libras.

Comportamento ideal	Importância
Evitar falar durante as aulas.	Por ser uma LS, o aprendizado será mais eficaz.
Utilizar expressões corporais, datilologia e até mesmo a escrita (em último caso).	Desenvolverá suas expressões e perderá o hábito de oralizar.
Não ter receio de errar.	Desenvolverá melhor o conteúdo e lidará bem com situações complexas cotidianas.
Despertar a atenção e memórias visuais.	Auxiliará nas expressões – ferramentas indissociáveis da comunicação por LS.
Sempre fixar o olhar na face do emissor da mensagem.	As expressões faciais auxiliam o receptor a identificar os tipos das frases emitidas.
Atentar-se para todos os acontecimentos da aula.	Compreenderá diversos modos de interação, seja com professor ou colegas.
Demonstrar envolvimento pelo que está sendo apresentado.	Auxiliará o professor a identificar quem está participando da aula.
Comunicar-se por Libras com os colegas de classe, mesmo em horário extraclasse ou em outros contextos.	Desenvolverá soluções para situações adversas, as quais não poderiam utilizar uma linguagem sonora.
Envolver-se com as comunidades surdas.	Desenvolverá ainda mais o aprendizado.

Fonte: Adaptado de Felipe e Monteiro (2007).

**2.3. PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Durante muito tempo, o ensino de Libras não foi capaz de alcançar a complexidade da linguística que deveria ser colocada em prática no que tange a necessidade da comunidade surda, pois as metodologias aplicadas deixavam as vertentes da LS fragmentadas e eram baseadas em atividades de mera repetição e memorização (LACERDA; CAPORALI; LODI, 2004).

Lacerda, Caporali e Lodi (2004) mencionam que um professor precisa conhecer bem a sua própria Língua Materna (LM), assim como a dos seus educandos, pois a aprendizagem de uma L2 tangencia-se pela LM do discente.

A utilização da LM no aprendizado de uma L2 não precisa ser escassa nem exagerada, mas pode ser aplicada com equilíbrio para que a turma tenha condições de desenvolver seus conhecimentos. Para Gesser (2010, p. 59):

A língua materna tem um papel no processo de aquisição/aprendizagem de L2/LE, mas há um consenso sobre o uso discriminado dela no ensino, significando, por exemplo, momentos de explicações breves sobre algum mal-entendido, ou sobre algum aspecto gramatical, cultural ou de procedimentos de avaliação. [...] Ainda que o uso do português em aulas de LIBRAS seja mal visto por alguns membros da comunidade surda, pois remete à língua do opressor, do colonizador; é importante destacar que em termos de aprendizagem que a LM do aprendiz será o sistema lingüístico de referência, e coibi-la pode significar criar barreiras emocionais (frustração, medo, ansiedade, etc.) na relação que o aprendiz estabelecerá com a língua alvo (pense, por exemplo, na relação inversa: o quanto a LIBRAS é importante para o surdo aprender o português).

Quanto ao pensamento exposto acima, Barbosa e Lacerda (2019) reiteram que o professor deve encorajar seus alunos a avançar na prática da LS para que a Língua Portuguesa (LP) seja cada vez menos requerida, uma vez que o uso contínuo da LM cause acomodação e impeça que haja um avanço na dialética de interesse. A decisão de conduzir a aula dessa forma poderá ser estabelecida pelo olhar atento e crítico do educador.

O decreto nº 5.626, de 22 de dezembro, de 2005, foi publicado para regulamentar dois documentos publicados anteriormente: a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, – que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (reconheceu a Libras como língua no país). E, o artigo 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 (trata da acessibilidade em seu artigo 18, diz que o poder público tem responsabilidade de implementar a formação de profissionais intérpretes e de guias intérpretes).

Pela Lei nº 5.626, através de seu artigo 2º, há uma diferença entre surdos e deficientes auditivos:

Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

A segunda língua deve ser transmitida aos alunos de forma contextualizada, com objetivo de aproximar as relações pessoais que vivem com os conteúdos apresentados pelo professor (LACERDA; CAPORALI; LODI, 2004).

Apesar de os aspectos cognitivos, sociais e culturais influenciarem no processo de aquisição de uma L2, segundo Lacerda, Caporali, Lodi (2004), devem ser levados em consideração os fatores emocionais.

Trabalhar a LS com um público variado pode ser um grande desafio para o profissional, todavia manter uma aproximação com os aprendizes pode ajudar a trilhar um caminho que atinja todos da turma, como por exemplo: conhecer suas motivações, seus interesses e seus estilos de aprendizagem (BARBOSA; LACERDA, 2019).

De acordo com Lacerda, Caporali e Lodi (2004), uma metodologia atualizada é de extremo valor no desempenho do ensino-aprendizagem, pois, muitos professores de LS apresentam dificuldade em utilizar um novo método de ensino para suas turmas atuais, permanecendo presos aos modelos arcaicos que não despertam o interesse de seus alunos. Destacam também, que os aspectos psicológicos do aluno interferem em sua compreensão e performance.

Em concordância, Silva (2007) enfatiza que as estratégias motivacionais dentro da classe são cruciais para o bom desempenho da aprendizagem dos discentes, principalmente para a L2, e uma parte integrante dessas estratégias é validar as atividades pedagógicas com a turma.

Segundo Gómez (1999):

A motivação integrativa caracteriza-se pelas atitudes positivas em relação ao grupo de falantes da língua-meta; pelo desejo ou vontade de integração nesse grupo ou, no mínimo, pelo interesse em conhecer membros do referido grupo e conversar com eles (Gardner e Lambert, 1972:14). Já a motivação instrumental caracteriza-se por um desejo de obter, graças ao conhecimento de uma língua estrangeira, um reconhecimento social ou vantagens econômicas.

Para Gómez (1999), devido a sua complexidade, muitos autores apresentam a motivação integradora como a mais substancial no aprendizado de uma língua estrangeira. Porém, é importante ressaltar que um indivíduo que se direcione a aprender uma L2, terá êxito, independentemente de qual motivação possuir.

Segundo Farias (2011), respaldado em diversos autores, tanto a motivação integrada quanto a instrumental fazem parte da motivação extrínseca, pois em ambos os casos, os sujeitos almejam conquistar algo para si, seja de forma experimental num contexto cultural ou sendo reconhecido por seu feito.

### **2.3.1. ESTILOS DE APRENDIZAGEM**

Lacerda, Caporali e Lodi (2004) dizem que é muito comum encontrar, em um âmbito familiar, filhos surdos de pais ouvintes e, com isso, o desafio da criança começa logo cedo, pois essa precisa estar inserida em um meio com pessoas surdas

para que possa desenvolver e exercer suas habilidades como cidadão, conforme a realidade comunicativa que possui.

Os supracitados ainda afirmam que, para uma formação adequada de uma pessoa surda, principalmente nas condições de pais ouvintes, é necessário um acompanhamento de um adulto que atue como interlocutor para interagir com ele por meio da LS e que haja acompanhamento e consentimento de seus responsáveis.

Levantamentos teóricos analisados por Schmitt e Domingues (2016) afirmam que não existe um mecanismo capaz de englobar toda dimensão do estilo de aprendizagem, e que é importante trilhar por diversos estilos, visto que os alunos poderão identificar qual deles será o mais eficaz para si, mesmo que de forma indireta. Ressaltando que a compreensão dos “modos de aprendizagem do aluno, seu estilo e preferências, ajuda a escolher abordagens explicativas ou demonstrativas e materiais adaptados às suas preferências de estilo de aprendizagem”, e sua execução dará um auxílio para a elaboração de mais atividades que possibilitem eficiência na aprendizagem.

Segundo os supracitados, materiais como dicionários, youtuber, literatura surda, filmes, arte surda e o contato com a comunidade, são materiais eficazes, se escolhidos de maneira correta, no ensino-aprendizagem da LS.

Para Lacerda, Caporali e Lodi (2004), a LS demorou a começar a ganhar espaço pelo fato de se tratar de um dialeto criado para atender a necessidade de um grupo de pessoas, e não pelo histórico-cultural de um povo encontrado especificamente em um local geograficamente demarcado. Os autores também sustentam a ideia de que a LS precisa ser discutida mais com os aprendizes para incentivá-los a buscarem mais as peculiaridades dessa língua, as quais ainda são desconhecidas pela maioria dos ouvintes.

Para Barbosa e Lacerda (2019), a prática faz com que o contato dos ouvintes com os surdos seja ultrapassado para um compreensivo reconhecimento relacional e intercultural de ambas as partes.

#### **2.4. TÉCNICAS E PARÂMETROS EMPREGADOS NO ENSINO DE LIBRAS COMO L2**

Até chegar ao atual padrão gestual de Libras, as pessoas, com intuito de facilitar o diálogo com os surdos, se comunicavam por mímicas ou meras gesticulações, sem qualquer embasamento técnico que caracterizasse essa LS como uma língua mais fundamentada (ISIDORIO, 2017).

Segundo Neigrames e Timbane (2018), o fato de a Libras ser uma língua sinalizada, não faz com que ela deixe de possuir os mesmos princípios estruturais das línguas oralizadas, já que possui léxico, gramática e normas para que haja um diálogo eficiente. Os autores ainda ressaltam que a Libras é uma língua natural que possui estrutura gramatical e surgiu da necessidade de uma interação bem-sucedida.



Apesar de, segundo Lacerda, Caparoli e Lodi (2004), ainda ser abordada de forma fragmentada.

Acerca disso, Isidorio (2017) relata que é comum encontrar cursos que ensinam Libras como o “português falado” ou “pidgin”, em que a estrutura frasal correta, característica da L2, é desconsiderada e substituída por aspectos da LM. Os gestos padronizados precisam substituir os automatismos gestuais, os quais não apresentam normas de configurações de mãos e expressões, sem exigir do aprendiz uma ideia formulada para que o surdo compreenda o que ele está querendo transmitir (LACERDA; CAPORALI; LODI, 2004).

Oxford (1990, 2008) classificou as estratégias de aprendizagem para L2 em seis diferentes tipos: a) Estratégia de Memória: armazenagem e recuperação de informações novas; b) Estratégias Cognitivas: compreensão e produção de novos enunciados através da manipulação e da transformação da língua-alvo pelo aprendiz; c) Estratégias de Compensação: auxílio na compreensão e produção da nova língua, apesar das limitações no conhecimento; d) Estratégias Metacognitivas: planejamento, controle e avaliação da aprendizagem; e) Estratégias Afetivas: regulação de emoção, atitudes, valores e motivação; e f) Estratégias Sociais: interação e cooperação com os outros (SCHOEN; SIVIERO; CHIARI, 2013).

Gesser (2010) explica que há muitas técnicas utilizadas para auxiliar no aprendizado e muitas delas fazem parte do próprio indivíduo. Sendo assim, ela apresenta relatos de alunos que falam sobre as técnicas que utilizaram para aprender melhor os sinais de Libras como:

1. Fazer associações entre uma palavra e sua letra inicial. Ex.: o sinal da palavra “professor” que é realizado com a mão configurada na letra “p”.
2. Observar-se realizando a LS, seja em frente ao espelho ou por gravações de seus movimentos. Isso estimula a visão e a memória visual.
3. Assistir intérpretes em atuação, principalmente quando o tema for de preferência do aprendiz, para que ele fique mais habituado com os sinais, o que poderia tornar o estudo mais prazeroso.
4. Treinar datilografia e as palavras que considerar mais difíceis não apenas durante as aulas, para que a velocidade na troca de sinais e a memorização das palavras mais complexas sejam conquistadas.
5. Agrupar as palavras com configurações de mãos idênticas, para contribuir na execução delas.
6. Fazer desenhos ou anotações que auxiliem no aprendizado de uma determinada palavra, o que também implica na memória visual.
7. Além de técnicas desenvolvidas de forma singular e pessoal dos próprios aprendizes, os educadores podem contribuir ainda mais, apresentando novas experiências.

Em concordância, Isidorio (2017) afirma que a progressão na língua pode ser impulsionada pela utilização de atividades lúdicas, como jogos e dinâmicas, e

que são boas ferramentas para o desenvolvimento de aspectos cognitivo, intelectual, linguístico, psicomotor e sociocultural seja para surdos ou ouvintes. Sendo assim, é lúcido constatar que aulas com mais interações geram resultados positivos no aprendizado dos alunos e na interação entre ouvintes e surdos, pois mesmo que não apresentem resultados muito pontuais, conseguem iniciar e ainda firmar um diálogo com os surdos.

Como a Libras é uma língua de cunho visual, a utilização de aparelho multimídia se faz de extrema necessidade, visto que os aprendizes precisam ter acesso não apenas a imagens congeladas, mas a vídeos, pois um sinal de LS pode envolver mais de um movimento e configuração (ISIDORIO, 2017 e NEIGRAMES; TIMBANE, 2018).

Segundo Brito (1997) e Neigrames e Timbane (2018), existem cinco (05) parâmetros básicos para formular os sinais nas Libras, e esses são: configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação de mão e expressão facial. Ademais, os sinais variam, seja pela mudança de no mínimo uma das cinco dessas características.

## 2.5. DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

O presente tópico discorrerá sobre as respostas dos entrevistados, formulado em texto corrido. Para apresentar clareza ao entendimento do leitor, as respostas foram agrupadas por cada pergunta correspondente, totalizando seis.

As entrevistas foram marcadas previamente e realizadas individualmente, de forma on-line, por meio de vídeo-chamada, através da plataforma Google Meet.

Os participantes atuam como professores de Libras, que trabalham em escolas das redes municipal, estadual e federal, lecionando para o Nível Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, além de terem experiências atuando em cursos de capacitação de forma privada. Um dos entrevistados leciona na UFF (Universidade Federal Fluminense), na cidade do Rio de Janeiro e o outro para o IFF (Instituto Federal Fluminense) campus Campos Centro.

A entrevista ocorreu de forma oral, até mesmo para que as respostas tivessem os áudios gravados e transcritos, quando fosse necessário, sem qualquer margem de dúvida.

Para que houvesse distinção das falas dos entrevistados na íntegra, optou-se em deixá-las transcritas em modo *itálico* no decorrer dessa sessão. As perguntas encontram-se numeradas e em modo **negrito**.

### **1 - QUAL O MELHOR MOMENTO PARA O OUVINTE APRENDER LIBRAS?**

Os entrevistados foram unânimes em expressar que quanto mais cedo um indivíduo aprender Libras, melhor é para a sua aquisição, corroborando com o pensamento de Isidorio (2017), no que tange ao bilinguismo infantil, o qual pode ocorrer de forma simultânea ou consecutiva à Língua Materna, dependendo dos estímulos provenientes dos cuidadores da criança ouvinte.

Os participantes mencionaram que dos cinco aos sete anos, seria uma boa faixa etária para assimilar melhor a linguagem, fato que direciona ao bilinguismo infantil consecutivo. Ademais, também ressaltaram que o aprendizado de Libras pode ocorrer em qualquer faixa etária, desde que haja interesse e dedicação do aprendiz.

### **2 - COMO SE DÁ O ENSINO DE LIBRAS, NO QUE SE REFERE À RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR, PARA ALUNOS SURDOS E ALUNOS OUVINTES DURANTE SUAS AULAS?**

As respostas mantiveram-se semelhantes, com declarações sobre priorizar aulas dinâmicas, para que os alunos tenham participação ativa, por meio de experiências pessoais, como elementos contribuintes para a aprendizagem, deixando-os mais à vontade e inclusos.

Além disso, disseram avançar com o conteúdo à medida que a turma vai se desenvolvendo, visto não ser oportuno dar segmento ao conteúdo para cumprir um plano de aula de forma pragmática.

Também foi reportado que o discente surdo pode se sentir melhor com um docente surdo, pois assim, aquele teria um par de ensino, posto que nem todo surdo convive com outros surdos.

### **3 - COM QUE GRAU DE FREQUÊNCIA VOCÊ UTILIZA A LM NAS AULAS DE LIBRAS PARA ALUNOS OUVINTES?**

Os relatos foram equivalentes, pois todos os entrevistados disseram usar sua LM de forma mínima, apenas quando necessário, e também explicaram que tal necessidade se aplica em assuntos mais teóricos, quando a explicação precisa ser minuciosa, rica em detalhes.

Um dos entrevistados considerou as necessidades como barreiras comunicativas e exemplificou acontecer com mais frequência no modo remoto de ensino, através de falhas tecnológicas provenientes dos computadores e suas ferramentas, como câmera, além da internet de cada aluno.

#### **4 - HÁ DIFERENÇA NA METODOLOGIA UTILIZADA PARA O ENSINO DE LIBRAS COM ALUNOS SURDOS, DOS DEFICIENTES AUDITIVOS E DOS OUVINTES?**

Todos responderam que há necessidade de metodologias distintas para cada tipo de especificidade. Cada um tem uma característica, cada um vai exigir uma metodologia, um recurso e um tempo diferente.

#### **5 - CASO UTILIZE TIPO(S) DE FERRAMENTA(S) COM SEUS ALUNOS OUVINTES DURANTE AS AULAS DE LIBRAS, QUAL(S) SERIA(M)?**

Os professores abordados não só acham extremamente necessário, como também fazem uso de ferramentas com seus alunos ouvintes durante as aulas. De forma generalizada, eles utilizam imagens fotográficas, por meio de slides em Datashow; vídeos através de sites; livros ilustrados; jogos (principalmente os que auxiliam na memorização); artigos científicos com temas ligados à área do curso; o próprio ambiente como cenário; objetos para recursos táteis, como forma de ajudar a entender e montar os sinais e; ferramenta humana, que é o contato com a cultura surda.

Outra ferramenta mencionada por um dos docentes foi o quiz através de aparelho celular. A utilização foi justificada para buscar avaliar melhor o entendimento dos alunos sobre um determinado conteúdo já abordado com a turma, além de aumentar a interação e ser de fácil acesso, já que *nenhum aluno fica sem telefone celular*. A fala do professor foi respaldada na vivência como docente de escolas públicas. O quiz também seria importante para saber até que ponto eu posso ir com eles sobre aquele conteúdo ou contexto referente à comunidade surda ou Língua de Sinais em si.

#### **6 - O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVE SER LEVADO EM CONTA PARA QUE O ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS OUVINTES SE TORNE IDEAL?**

As respostas foram inclinadas a pontos distintos, e cada profissional pode retratar uma característica que considera válida acerca de um ensino-aprendizagem adequado.

A primeira delas foi realizar a prática fora da sala de aula. A segunda foi conhecer os alunos e buscar lecionar conforme a realidade deles. A terceira foi inserir a turma no cotidiano dos surdos e, principalmente, de pessoas (surdas ou não) que tenham os mesmos objetivos da turma, pois, assim, eles se sentiriam mais instigados a evoluir no ensino de Libras.

O primeiro entrevistado relatou ter o costume de separar duas ou três aulas de um semestre para fazer uma avaliação com seus alunos e saber como deve conduzir suas próximas aulas. Ela é feita por meio de formulários, contendo respostas curtas,

como “Sim” e “Não” e tem como objetivo saber mais a respeito de suas aulas, da aprendizagem e do interesse dos discentes.

Já o segundo, expôs que alunos o procuram para contar ou desabafar sobre determinadas situações que têm vivido. Afirmou dar essa liberdade e, ao observar certos comportamentos de alguns membros da turma, já apresentou os casos na reunião de colegiado da instituição, a qual trabalha. Esse hábito acaba sendo muito prudente, pois, segundo Gesser (2010), a qual trata em sua obra a LE como L2, “A interação do aluno com a língua estrangeira pode ser diferente se o seu aluno tem autoestima baixa, depressão ou ansiedade, por exemplo.”, o que reforça o pensamento de que a interação aluno-professor é de fundamental importância no processo de aquisição de L2.

Por fim, o terceiro foi enfático ao dizer que para um bom ensino-aprendizado, faz-se necessário 50% de empenho do professor e 50% dos alunos, pois aqueles precisam elaborar as aulas de forma que atraia os estudantes e esses precisam ter o interesse em participar das aulas.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Brasileira de Sinais possui, assim como as outras Línguas Estrangeiras, suas peculiaridades e, por isso, a necessidade de criações e utilizações de metodologias afins não devem ser menosprezadas. Os educadores ainda resgatam materiais utilizados na Língua Portuguesa para ensinar Libras aos seus alunos, o que pode gerar superficialidade na aprendizagem, até mesmo em relação à própria cultura surda.

Ainda que poucos, é possível encontrar materiais didáticos totalmente voltados para a aprendizagem da língua surda, porém requer maior disponibilidade do corpo educativo em obtê-los e propiciar os melhores caminhos para apresentar os temas propostos, de forma interessante, progressiva e inclusiva aos alunos surdos e ouvintes.

O ensino de Libras para os ouvintes causará mudança perceptível a todos os envolvidos, porque é uma língua considerada visuoespacial e garante interação obrigatória da pessoa com o meio externo, portanto despertam-se olhares que antes não estavam atentos ao que é oferecido ao redor de cada indivíduo. E quando esse aprendizado ocorre na fase infantil, todas essas experiências serão desenvolvidas de forma antecipada.

Existem fatores primordiais no desenvolvimento e eficácia da metodologia utilizada na educação de LS para ouvintes, como: valorização de Libras como L1; formação adequada do profissional de Libras; contextualização do conteúdo com o ambiente social dos alunos; estilos de aprendizagem; consideração dos aspectos psicológicos e dos processos emocionais e motivacionais dos discentes; e, principalmente, envolvimento direto com a comunidade surda.

Em suma, para que o ensino-aprendizagem dos ouvintes seja efetivo, faz-se necessária uma interação ampla entre professores e alunos, visto que as metodologias especificamente desenvolvidas ainda são recentes e, por isso, é imprescindível que haja uma continuidade para que chegue a um quadro adequado de compreensão da dialética desejada sem discriminar a cultura surda, usando, assim, a Libras como L1 enquanto no âmbito educacional.

SILVA, R. R.; LEMOS, L. F.; FÁCIO, M. A. The teaching of brazilian sign language (libras) for hearing people: a bibliographical analisys of the linguistic process involve. *Educação em Revista*, Marília, v. 22, p. 39-54, 2021, Edição Especial 2.

**ABSTRACT:** Deaf people teaching-learning process has stood out in Brazil and the demand for professionals capable in this area is increasing. With the advancement of the Brazilian Sign Language for the insertion of the deaf in society, a need was felt to update and create teaching methodologies and techniques for the listening public that seeks to improve their communication with the deaf community. Therefore, the present work had as main objective to approach methodologies and teaching processes of Libras for hearing students. In order to achieve the proposed objectives, the methodologies used that comprise bibliographic surveys, qualitative research and sources with Libras teachers experienced in teaching listeners were used. After evaluating all the informational framework acquired, there was a need for further studies and research aimed at the successful elaboration and implementation of teaching-learning for hearing students.

**KEYWORDS:** Methodology. Listeners. Teaching-learning.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. (1998). *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes.

BARBOSA, Ana Clarisse Alencar; LACERDA, Lúcia Loreto. *Parâmetros de ensino em língua Brasileira de sinais como L2*. Indaial: UNIASSELVI, 2019.

BRASIL, BRASÍLIA. *Decreto Nº 5626 de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a lei nº10, v. 436, 2005.

BRASIL, Lei de Diretrizes. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 2002.

BRASIL, C. *Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 2000.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Língua brasileira de sinais – Libras*. 1997. Disponível em: <<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/gramatica-libras.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2020.

CRUZ, Jéssica Milena Leal da Silva; CRUZ, Rodrigo Gonçalves; CAMPELO, Wanúbya do Nascimento Moraes. A utilização de livros didáticos digitais em libras na educação dos surdos. *Littera Online*, São Luis (MA), v. 9, número especial, 2018.

FARIAS, Roberta Andrade. Motivação na aprendizagem de Língua Inglesa: estudo de caso na zona rural de Cabaceiras/Pb. *Revista Fronteira Digital*, Pontes e Lacerda (MT), v. 2, n. 4, 2011.

FELIPE, Tanya A. de Souza; MONTEIRO, Mirna Salerno. *Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor* – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 6ª. Edição 448 p.

GESSER, Audrei. *Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais*. Tese (Doutorado em Educação) UNICAMP, Campinas, 2006.

GESSER, Audrei. *Metodologia de ensino em Libras como L2*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.

GESSER, Audrei. *O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GÓMEZ, Pascual Cantos. A motivação no processo ensino/aprendizagem de idiomas: um enfoque desvinculado dos postulados de Gardner e Lambert. *Trabalhos em linguística aplicada*, Campinas, v. 34, pp. 53-77, 1999.

ISIDORIO, Allisson Roberto. Inclusão: Aulas de Libras (L2) para crianças ouvintes em uma escola inclusiva no Programa Mais Educação. *Revista Virtual De Cultura Surda*, Petrópolis (RJ), Edição 20, jan. 2017.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; CAPORALI, Sueli Aparecida; LODI, Ana Claudia. Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais a ouvintes: reflexões sobre a prática. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 16, n. 1, 2004.

NEIGRAMES, Wáquila Pereira; TIMBANE, Alexandre Antónimo. Discutindo metodologias de ensino de libras como segunda língua no ensino superior. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, Cáceres (MT), v. 11, n. 01, p. 140-161, 2018.

SCHMITT, Camila da Silva; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 361-386, 2016.

SCHOEN, Teresa helena; SIVIERO, Juliana; CHIARI, Brasília Maria. Estratégias de aprendizagem de estudantes de língua espanhola falantes de português. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 36, 1º sem. de 2013, pp. 19-28.

SILVA, Maria Auxiliadora Baggio da. *A atividade pedagógica como estratégia de motivação: implicações no desempenho de alunos surdos na produção escrita em língua portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras da PUC/RS. Porto Alegre, 2007.

SILVA, Roseli Reis da. O ensino da Libras para ouvintes: análise comparativa de três materiais didáticos. In: ALVRES, Neiva de A. (org.). *Libras em estudo: Ensino-aprendizagem*. SP: Feneis, 2012, p. 105 - 130.

---

Recebido em: 10/07/2021.

Aprovado em: 18/10/2021.

